



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Instrumentos de manutenção da coletividade na Escola Municipal Camponesa Chico Mendes: a formação continuada e a pesquisa participante Cynthia Magda Fernandes Ariosi

Como citar: ARIOSI, C. M. F. Instrumentos de manutenção da coletividade na Escola Municipal Camponesa Chico Mendes: a formação continuada e a pesquisa participante. *In:* DAL RI, N. M. (org.). **Educação Democrática, Trabalho e Organização Produtiva no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 291-310.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-061-0.p291-310>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

INSTRUMENTOS DE MANUTENÇÃO DA COLETIVIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL CAMPONESA CHICO MENDES: A FORMAÇÃO CONTINUADA E A PESQUISA PARTICIPANTE

Cinthia Magda Fernandes Ariosi

INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST):

[...] é um movimento social que se organizou a partir da necessidade objetiva de lutar pela democratização da terra como estratégia de sobrevivência e manutenção dos trabalhadores rurais sem-terra no campo. Com o passar do tempo, essa luta começou a ganhar outras dimensões, sendo uma 'luta por terra, reforma agrária e mudança na sociedade, ou melhor, mudança de sociedade' (STÉDILE; FREI SÉRGIO, 1993 apud ARENHART, 2007, p. 19-20).

O MST se caracteriza como uma organização coletiva com objetivos sociais que influenciam a percepção, os conhecimentos e a consciência que seus membros têm do mundo. Dessa forma, para que ele se mantenha, é preciso que se retroalimente com seus valores, princípios construídos e

<https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-061-0.p291-310>

consolidados ao longo de sua história de luta. É nesse contexto que a escola torna-se um lugar de formação do Movimento, uma formação que exige muito empenho e luta.

O MST é uma organização coletiva de massas que luta por alcançar determinados objetivos sociais. Em função destes objetivos ele promove inúmeras ações. Estas podem ter por alvo preferencial a vida interna da própria organização ou algumas das esferas da vida social, e podem ser de tipo predominantemente prático ou reflexivo.

Muitas dessas ações, na medida em que incidem sobre os integrantes do Movimento, alteram a percepção, os conhecimentos e, em geral, a consciência que eles têm de mundo. Deste modo, e segundo uma idéia desenvolvida por Gramsci (1976), o MST atua também como um educador coletivo (DAL RI, 2004, p. 174).

Na ótica dos movimentos sociais, a atividade educativa deve conjugar a formação acadêmica e a formação política para a construção da consciência de classe. O Movimento tem desenvolvido estratégias de formação que transitam entre modalidades informais e formais para ampliar a formação de seus quadros, fortalecendo o enfrentamento com as forças opressoras e conquistando novos espaços e modos de fazer educação no campo.

[...] juntamente com a luta pela terra está articulada uma proposta de educação de classe, mesmo que num primeiro momento em sentido aberto e informal, como a formação política dos militantes. Essa educação de classe, principalmente dos anos 1990 em diante, tornou uma dimensão que vai desde as questões educativas informais, como as marchas, ocupações, organizações etc, até a alfabetização de crianças, jovens e adultos, a elevação de escolarização, a educação profissionalizante, a graduação e a pós-graduação.

Foi a partir das iniciativas e das lutas políticas do MST por educação que se conquistaram importantes projetos e programas governamentais para a educação dos trabalhadores do campo, como o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) em 1998 e o Movimento Nacional por uma Educação do Campo, que desde 2002 obteve reconhecimento em lei das necessidades e especificidades da educação no e do campo (Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo – Resolução CNE/CEB n. 1 de 3 de abril de 2002; e o Decreto n. 7352, de 4 de novembro de 2010) (D'AGOSTINI, 2011, p. 162).

Apesar das conquistas citadas, a permanência da escola no campo é uma batalha que precisa ser travada cotidianamente diante do atual cenário neoliberal, que prega valores opostos aos do Movimento. Caldart e Schwaab (2005) discutem as lutas e as razões do MST por uma educação pautadas nos valores da terra que exigem um *lócus* de educação que deve estar vinculada à terra; por isso, a escola tem que estar no campo.

Dado o pano de fundo de nossa discussão, este trabalho visa apresentar e discutir duas ações construídas e desenvolvidas na Escola Municipal Camponesa Chico Mendes que contribuem para o fortalecimento do coletivo dos educadores e do vínculo da escola com a família; são elas: a formação continuada; e a pesquisa participante. O conteúdo discutido neste texto reflete uma parte dos dados coletados e discutidos na pesquisa intitulada *Concepções teórico-práticas de educação e trabalho no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*.

O trabalho foi desenvolvido inicialmente por meio de uma pesquisa teórica sobre os temas da infância no MST, a educação escolar do MST, o movimento dos Sem Terrinha e a luta pela educação formal do Movimento. Na segunda etapa da pesquisa, foi realizada uma visita à Escola Municipal Camponesa Chico Mendes, localizada na cidade de Querência do Norte, no Paraná, que será apresentada em tópico específico. De posse das informações, realizamos a análise e a discussão dos dados coletados e da experiência vivida durante o período de permanência na comunidade.

As duas estratégias focadas neste trabalho não são isoladas, mas compõem um conjunto maior de ações que está presente nas práticas dos educadores da mencionada escola. Por questões de limitação temporal e espacial do texto, vamos nos deter às estratégias mencionadas.

Diante do exposto, seguem a análise e a discussão da formação continuada e da pesquisa participante na Escola Municipal Camponesa Chico Mendes como instrumentos de manutenção da coletividade.

CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Os dados apresentados e discutidos neste trabalho foram coletados na Escola Municipal Camponesa Chico Mendes, situada no Assentamento Pontal do Tigre, na cidade de Querência do Norte, no estado do Paraná, por meio de observação, realização de entrevistas e coleta de documentação.

O Assentamento tem área de oito mil hectares, com 338 famílias. Foi em 1988 a ocupação da área. A imissão de posse da área para as primeiras famílias aconteceu em 1995. Cada família tem uma área de 24 hectares de terra e, desde 1998, existe, no Assentamento, a Cooperativa de Comercialização da Reforma Agrária Avante Ltda. (**Coana**). O Assentamento Pontal do Tigre é organizado em 09 núcleos. Cada núcleo tem um espaço comunitário, onde acontecem as reuniões do Movimento e os eventos sociais, culturais e religiosos. Os núcleos estão organizados conforme referido na tabela 1.

Tabela 1: Relação dos Acampamentos e Assentamentos Rurais, Área e Número de Famílias de 1988 a 2012.

Acampamentos	Assentamentos	Área	Nº de Famílias
Fazenda Atalla	P.A. Pontal do tigre	8.096,10	338
Fazenda Porangaba 1	P.A. Chico Mendes	2.296,50	79
Fazenda Jabur	P.A. Che Guevara	453,24	68
Fazenda Monte Azul	P.A. Margarida Alves	556,60	20
Fazenda São Pedro	P.A. Luiz Carlos Prestes	1.256,00	50
Fazenda Piedade	P.A. Zumbi dos Palmares	801,80	22
Fazenda Santana	P.A. Santana	556,60	21
Fazenda Santa Terezinha	P.A. Antonio Tavares Pereira	1.000,50	41
Fazenda Porangaba 2	P.A. Irmã Dorothy	2.165,90	75

Fonte: EMATER-Paraná (2011)

HISTÓRICO DA ESCOLA

A Escola Camponesa Municipal Chico Mendes fica na área de uso comunitário do Projeto de Assentamento (PA)¹ Pontal do Tigre. A referida Escola conseguiu o primeiro lugar na média municipal do IDEB, com a nota 6,2 em 2011.

¹ EMATER, Paraná. Disponível em: < <http://www.emater.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3881>>. Acesso em 10 jun 2015.

A criação da Escola Chico Mendes deu-se por volta de 1988, quando surgiram os primeiros acampamentos que deram origem ao PA Pontal do Tigre. No início, os alunos tinham aulas em salas de madeira, mas, com a grande quantidade de alunos, foi preciso construir uma escola de alvenaria. A Escola tem uma Associação de Pais e Mestres formada pelos assentados. O objetivo é administrar os recursos repassados pelos governos federal e estadual e dar assistência ao aluno e à sua família.

A Escola é de educação básica nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais, funciona em prédio próprio no mesmo terreno da Escola Estadual Centrão, que oferece os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Fica ao lado do posto de saúde da comunidade. A estrutura física é simples, mas adequada ao desenvolvimento das atividades. Em 2012, contava com 256 alunos com idade entre 03 e 11 anos, distribuídos em 12 turmas, segundo dados do Censo Escolar (2012).

O GRUPO PESQUISADO

As entrevistas foram realizadas em 28 e 29 de abril de 2014, na Escola Municipal Camponesa Chico Mendes. Foram entrevistadas nove pessoas que atuam na escola: duas que ocupam cargos de direção, mas não concomitantes; duas pessoas que, em um turno, são professoras e, no contra turno, são coordenadoras pedagógicas da escola; uma que começou trabalhando na cozinha, estudou e hoje é professora. Todas as pessoas que atuam na escola têm vínculo com o MST e foram acampadas ou assentadas. Duas professoras, hoje, moram na cidade. As especificidades do grupo pesquisado são apresentadas na tabela 2.

Tabela 2: Caracterização dos informantes

Denominação na pesquisa	Formação inicial	Pós-graduação	Tempo de trabalho	Atuação hoje
EDUCADOR	Pedagogia	Não mencionou.	Na escola desde 2000, . 2 anos como professor. Começou como estagiário.	Diretor

EDUCADORA A	Magistério Normal Superior Pedagogia	Especialização: Educação do Campo, Educação Popular e EJA. Especialização em Psicopedagogia	3 anos no EJA. Na escola desde 2001.	Pré III (5 anos)
EDUCADORA B	Pedagogia	Não mencionou.	40 anos de trabalho – 21 anos na escola.	2º ano Coordenadora da Ensino Fund.
EDUCADORA C	Pedagogia	Especialização em Educação do Campo, Educação Popular e EJA.	21 anos na escola.	Pré II (4 anos) –tarde Manhã: PAA e Literatura infantil
EDUCADORA D	Letras	Não mencionou.	14 anos na escola e trabalha também na escola Centrão.	3º ano
EDUCADORA E	Pedagogia		10 anos na escola.	4º ano
EDUCADORA F	Pedagogia	Especialização em Educação do Campo.	8 anos na escola, começou como estagiária.	5º Ano Coordenadora da Ed. Infantil.
EDUCADORA G	Pedagogia	Especialização em Educação do Campo.	14 anos na escola.	Pré I – (3 anos)
EDUCADORA I	Normal Superior	Especialização em Educação do Campo. Especialização em Psicopedagogia	25 anos – 9 anos na escola.	1º ano

Fonte: Elaboração própria (2016)

A REALIDADE EM DISCUSSÃO

Um primeiro ponto importante para mencionar nesta discussão é a opção pela expressão *Escola Camponesa* em detrimento da denominação *Escola Rural*. Os educadores relataram que foi uma luta política e ideológica para que a Escola fosse reconhecida como escola do campo, sem a conotação pejorativa que o coletivo de educadores do Movimento identificava na expressão *Escola Rural*.

Com o rural no início havia muito isso [...] aqueles ‘sem terra’, ‘aqueles caipiras’, ‘aquele povo que não sabe conversar’, ‘aqueles caipiras que não se veste direito’, então nós sempre tínhamos essa preocupação do rural na escola, porque o rural vem disso, daquela pessoa jeca tatu que não sabe de nada. Então foi daí que veio nossa preocupação. Foi a primeira escola que conseguiu mudar a nomenclatura. Montou processo, inclusive o processo tá aqui, mandou para núcleo e aí conseguiu. Mas então, [...] a escola conseguiu mudar, depois aí que ela conseguiu mudar o nome, a nomenclatura aí veio as outras, veio o colégio, escolas estaduais de outros lugares, de outros municípios [...] (DIRETOR).

O coletivo de educadores acreditava que mudar o nome da Escola era o primeiro passo para que a sociedade e os órgãos oficiais da educação respeitassem a escola do Movimento como uma proposta educacional que, além das preocupações pedagógicas, tem uma luta ideológica de superação do preconceito vivenciado pelas pessoas que vivem no campo e dele tiram seu sustento.

Porque durante toda história, o Brasil considerou o campo de lugar de atrasado, lugar de analfabeto, lugar de pessoas que andam com tudo rasgado, com dente tudo quebrado ... Não é? Olha mesmo a festa junina. Gente é assustador ver o traje da festa junina. Eles pintam o dente de preto. O ano passado, você viu? A mídia faz isso de carteirinha. A Eliana, o programa da Eliana, tava passando, olhei e assustei. E o meu marido falou assim ‘ Oh Maria, corre aqui! Olha lá a Eliana de dente quebrado’. Ela é louca, uma apresentadora com o dente quebrado. Me chamou a atenção e eu voltei. E eu falei ‘Não é um dente quebrado, ela pintou’. Ele falou aquilo lá é uma janela. Eu falei não é uma janela, ela pintou. E ele riu que se acabou e falou assim, ‘Mas, Maria, hoje o povo não é mais deste jeito!’ (EDUCADORA H).

A visão de atraso existente no campo não representa mais a realidade, pois o campo também se modernizou. Os educadores que compõem a equipe da Escola Municipal Camponesa *Chico Mendes* percebem seu papel social na contemporaneidade, primeiro, na conscientização da sua condição de construtores de uma nova cultura do/no campo e, segundo, na importância da construção e manutenção da identidade camponesa entre as novas gerações. O grupo de educadores salienta que muitos alunos

de hoje não viveram as lutas que seus pais travaram para conquistar um pedaço de chão, “[...] eles não passaram o acampamento, eles não foram acampados, então eles nem sabem o que é um barraco, o que que é isso!” (EDUCADORA F). Muitos já nasceram na condição de assentados; assim, a escola tem um papel importante na manutenção da identidade, para que as crianças não desejem se mudar para os centros urbanos. “Nós estamos sempre dando valorização à permanência no campo. Sempre trabalhamos pra que eles permaneçam no campo, muitos deles vão até, mas eles voltam. Eles vão, mas voltam!” (EDUCADORA D). Existe, nessas falas, uma proposta muito clara da necessidade da formação de uma identidade do campo, que as forças hegemônicas, por meio de um discurso ideológico propagado pela grande mídia, tenta enfraquecer e destruir.

Enquanto a equipe da escola incentiva as crianças para que fiquem no campo, há um conflito acentuado com a gestão municipal que, em todo início de ano, realiza ações com uma clara intenção de enfraquecer a Escola e levá-la para a cidade, isto é, levar as crianças e os professores da escola camponesa para escolas situadas no perímetro urbano. Desse modo, há uma luta quase cotidiana para manter a escola no campo. E essa luta vem vencendo, porque a equipe pedagógica tem garantido a qualidade da educação e isso contribui para fortalecer as ações de manutenção da escola no campo.

A Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, em 2012, foi classificada em primeiro lugar na média municipal do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), do município de Querência do Norte, média apresentada acima da meta estabelecida pelo MEC (COMILO, 2013, p. 178).

A boa classificação da Escola *Chico Mendes* nas avaliações oficiais contribui para que o coletivo da escola se fortaleça e possa argumentar em favor da permanência da escola no campo. Todavia, nem tudo são conquistas. No ano em que foi realizada a pesquisa (2014), a prefeitura retirou a permissão para contratação do professor de cultura camponesa, como relata a Educadora A.

É esse ano devido à economia da prefeitura, nós ficamos sem a cultura. [...] A prefeitura não disponibilizou esse professor, não pagou no contra turno pra se fazer esse trabalho, pra dar continuidade nesse trabalho. [...] Era um professor concursado, aí dava um suplementar, mas esse ano ficamos sem, devido à economia do município. Era um trabalho interessante, porque, quando tinha alguma coisa fora, igual teve os jogos, que teve no município, aí esse grupo ia apresentava danças, músicas, poesia. Já era um grupo que estava preparado.

A cultura camponesa era equivalente a uma disciplina, na qual a cultura do campo era explorada por meio de músicas, poemas, textos, danças e outras linguagens expressivas. Por meio dessas linguagens, as crianças se apropriavam dos valores e dos princípios da vida no campo. A cultura camponesa também era um espaço para produzir relações com a comunidade externa e com as famílias. Essa disciplina contemplava o que está previsto na legislação educacional como a parte diversificada, com um currículo que dá identidade à escola.

Um dos motivos para a manutenção da escola no campo é a equipe de profissionais, que é bastante coesa e consciente de seu papel social naquela comunidade. Segundo os educadores, essa coesão foi construída porque a equipe é constante, sem rotatividade. Da equipe de profissionais da escola, a pessoa que tem menos tempo na escola tem oito anos, e todo ano tem concurso de remoção, mas as pessoas permanecem.

Não que o professor não possa mais sair daqui. Se chegar o momento que ele precise, de repente ele precisa mudar, alguma coisa aconteça, ele tem toda liberdade. Todo ano tem o teste de remoção. No final do ano, quem pretende ir pra outra escola, aí tem o teste de remoção. Só que daí, esse grupo ninguém assina o teste de remoção, preenche. Eles preferem ficar aqui (EDUCADORA A).

Como conta a coordenadora pedagógica: “[...] todo ano tem o teste de remoção e os professores que estão aqui preferiram ficar aqui, então, tem, desde 2003, esse quadro de professores” (EDUCADORA F). Outra educadora relata que “[...] a única que saiu daqui foi em 2005, mas porque ela teve bebê, e aí, por ela trabalhar um período na escola lá em Querência, ela preferiu ficar lá, mas por causa do bebê” (EDUCADORA

G). Essa constância não é percebida na Escola Estadual que fica no mesmo terreno. As educadoras relatam que, na outra escola, existe muito rodízio de professores. “[...] é bem diferente a Estadual. Todo ano, ali é um professor diferente que vem, quando acha uma vaguinha mais perto...” (EDUCADORA F).

Há uma educadora que trabalha nas duas escolas, a municipal e a estadual. Avaliando os dois ambientes de trabalho, ela relata que:

Eu trabalho nas duas escolas, ali, do outro lado, no Centrão, e aqui. E a forma da gente trabalhar, queira ou não, é diferente! Porque aqui nós seguimos linhas de pensadores, trabalhamos com projetos, né? E a nossa formação ela veio muito a calhar, assim, pra nosso trabalho em sala de aula, na prática. [...] Não é que é diferente [...] é pela causa da rotatividade, o que que acontece? Pra gente que trabalha aqui, que nós já trabalhamos em grupo, que nós trabalhamos através de temas geradores, que que acontece? Nós trabalhamos em equipe, aí lá, [...] pela coletividade ser distanciada, o trabalho é dificultado, né? Eu não. Já começo daqui, porque eu tenho uma realidade daqui, quando vou pra lá, eu já conhecendo os alunos que vão daqui (EDUCADORA D).

A formação mencionada pela professora, e que ela aponta como diferencial do trabalho realizado na escola Chico Mendes, é outro elemento que fortalece a comunidade escolar. Essa formação permite que os professores fundamentem suas práticas pedagógicas apropriando-se do processo ensino aprendizagem com autonomia; isso contribui para que os professores se sintam identificados com a proposta da escola.

Que mais de diferente que tem aqui? [...] a formação. A nossa escola tem a formação continuada que começou em 2003, que acho que a C² já deve ter falado. É um projeto que continua, que todo o grupo, que toda a escola, ninguém quer que acabe esse projeto. Esse é um diferencial (EDUCADORA A).

A proposta pedagógica para a formação foi construída pelo próprio grupo e com base nos referenciais teóricos do Movimento, mantendo uma coerência teórica entre as teorias do MST, do setor de educação do Movi-

² O nome da coordenadora da escola foi suprimido.

mento e da Escola. Uma educadora relata como acontece esse processo de formação:

Nós temos o projeto de formação continuada. Partindo deste projeto de formação continuada, a gente tem uns autores que a gente estuda, Paulo Freire, Snyders e Pistrak. Partindo destes autores, a gente fez e faz estudos de práticas, então cada grupo, a escola é organizada em grupo, então cada grupo ficou com um autor. E aí, de cada autor, a gente tirou um tema para ser desenvolvido na escola. O Paulo Freire, os temas geradores. O Pistrak, a auto-organização deles mesmo, dos educandos. E Snyders, a alegria na escola, que é a música, as atividades, [...] que aqui tinha a cultura camponesa, tinha dança, teatro, mística, então isso entra tudo nesse tema da alegria na escola (EDUCADORA F).

Os professores da escola são unânimes sobre a formação, todos acham que é uma ótima oportunidade para manter vivo o espírito de luta necessário para vencer as dificuldades cotidianas. A formação continuada é descrita também por outra professora:

[...] a gente traz para formação continuada, aí na formação continuada nós temos três grupos de estudo, cada grupo estuda um autor. Aí, de acordo com a pesquisa, a gente traz, debate e depois a gente tem que voltar pra sala de aula e devolver, levar esse conhecimento também para as crianças. São três grupos, nós estudamos Snyders, que é a alegria na escola, não sei se a C já falou. Paulo Freire, que é o tema gerador e o Pistrak, que é a auto-organização. (EDUCADORA A).

Ela complementa, dizendo:

Eu estou no Snyders, que é alegria na escola. É trabalhar as cantigas. A gente conversa com todos os educadores pra tá trabalhando essa alegria pra criança gostar de ficar na escola. [...]. A auto-organização, aí, tem a assembleia dos educandos, aí cada turma tem um coordenador, uma coordenadora, aquele grupo tem que mobilizar toda a escola (EDUCADORA A).

A formação tem por base três autores e temas de referência, que são: Pistrak, com a auto-organização dos alunos; Paulo Freire, com a proposta dos temas geradores como unidade de trabalho; e Snyders, que

propõe a alegria na escola. Os grupos responsáveis por cada tema/autor devem promover aprofundamentos e alimentar os outros grupos sobre seus temas para que todos continuem motivados para desenvolver a prática educativa com base nessas teorias. A escolha desses três teóricos se deve ao conteúdo de suas teorias, que dá suporte ao projeto político pedagógico do Movimento.

Pistrak (2005, p. 13) defendia que a auto-organização pautava-se na “[...] participação autônoma, coletiva, ativa e criativa das crianças e dos jovens de acordo com as condições de desenvolvimento de cada idade, nos processos de estudo, de trabalho e de gestão da escola”. O autor propunha que a auto-organização fosse tratada com seriedade e com verdade, não como uma situação de ficção, pois os coletivos infantis e juvenis deveriam realizar:

[...] ações práticas, que podem começar com a preocupação de garantir a higiene da escola, e chegar à participação efetiva no Conselho Escolar, ajudando a elaborar os planos de vida da escola. Ou seja, a auto-organização das crianças não deve ser vista como um jogo, mas sim como uma necessidade, uma ocupação séria de quem está encarregado de responsabilidades sentidas e compreendidas. O grande objetivo pedagógico desta cooperação infantil consciente era efetivamente educar para a participação social igualmente consciente e ativa (PISTRAK, 2005, p. 13).

Esse teórico ainda defende que o ensino deve ser desenvolvido de forma coerente com a realidade da vida e, para sustentar essa coerência, os professores da Escola Camponesa Chico Mendes buscam a teoria de Paulo Freire.

Numa visão libertadora, não mais ‘bancária’ da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade (FREIRE, 1987, p. 59).

A metodologia freiriana propõe o trabalho pedagógico a partir dos temas geradores, como uma prática educativa que liberta e contribui para a formação do indivíduo, não só academicamente, mas do ponto de vista político também. Além de Pistrak e Paulo Freire, a equipe da escola busca o pensamento de Synders, que contribui com a concepção da importância da alegria no processo educativo.

Estas alegrias nos jovens são mais pronunciadas ainda: o desejo de progredir, a satisfação de se sentir capaz de progredir fazem parte integrante de sua situação: satisfação de tomar iniciativas, e assim sair da dependência infantil. O que não se separa da alegria de crescer: antes, quando ele era pequeno, não conhecia, não compreendia bem, não sabia fazê-lo; agora ele adquire poderes, ele se iniciou nos segredos dos adultos, ele vai lhes roubar parcelas de sua força (SYNDERS, 1988, p. 207).

É com base nesses teóricos e em suas teorias que os professores da escola alicerçam suas práticas. Assim, o grupo que se aprofunda na teoria de Pistrak tem a missão de estimular e desenvolver as ações de auto-organização com as crianças. O grupo que aborda os temas geradores de Paulo Freire fomenta práticas pedagógicas a partir dos escritos do autor para toda a comunidade da escola. E o grupo que se fundamenta em Synders tem a tarefa de animar o coletivo da escola, por meio da mística do Movimento, que mantém viva a memória e os valores que sustentam a vida coletiva no interior da militância. A mística garante que as novas gerações não percam a identidade do MST; por isso, a prática celebrativa da mística mostra aos pequenos os caminhos que já foram percorridos e o preço que foi pago pelas conquistas atuais. Vários educadores demonstraram a preocupação de que as crianças que já nasceram no Assentamento, em casas, com a terra, esqueçam a luta travada por anos por seus familiares; assim, a mística é fundamental.

Embora essa proposta de formação continuada seja interessante e aconteça há alguns anos, não foi uma decisão tranquila. Foi necessário tomar a decisão coletiva de rejeitar a formação oferecida pela diretoria municipal de educação, o que gerou conflitos entre o grupo e a gestão municipal.

Para os movimentos sociais, a formação de educadores é vista como uma prática emancipatória, por considerar suas experiências e transformá-las em fonte de saber. Reconhecem a necessidade de um projeto permanente de formação continuada, que rompa com a formação profissional de mão única, ou seja, voltada para o mercado de trabalho. Esta perspectiva vincula-se a um projeto democrático emancipado, mas uma democracia ainda em construção, comprometida com o ser humano, porque está inserida no processo de consolidação das lutas por garantia de direitos (COMILO, 2013, p. 172).

A formação continuada na Escola Camponesa Chico Mendes é compreendida por um conjunto de ações.

Os cursos de formação continuada são realizados na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, e acontecem por meio do Programa de Extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu), perante o projeto de formação de professores do Colégio Estadual Centrão em parceria com a Universidade Estadual do Centro - Oeste (UNICENTRO) e do projeto de Especialização em Educação do Campo, em parceria entre Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR- Campus de Paranavaí) e o Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sendo que o professor Dr. José Martins tem contribuído na Formação Continuada de educadores, a partir de seu conhecimento teórico/prático das escolas do campo. A formação continuada dos educadores é uma iniciativa do MST, no entanto a prefeitura Municipal de Querência do Norte contribui com recursos financeiros (GHELLERE; COMILO, 2012, p. 8).

Essa proposta de formação continuada apresenta uma concepção de educação que respeita a identidade camponesa e, ao mesmo tempo, a recusa dos educadores do Movimento em receber passivamente os conceitos e as concepções que vêm dos órgãos centrais que, muitas vezes, trazem preconceitos e ideologias que denigrem ou desvalorizam a luta pela terra e, principalmente, a permanência no campo das futuras gerações. É comum encontrar, nos livros didáticos e apostilas, conteúdos que desvalorizam a vida no campo e valorizam a vida urbana, como se viver no campo fosse sinal de atraso e de precariedade.

Para garantir que a Escola trabalhe de forma a atender às aspirações da comunidade na qual está presente, os educadores realizam a pesquisa participante, que acontece no início do ano.

Todo ano, no início do ano, no meio do ano também, a gente vai até as famílias pra fazer essa pesquisa. Pra conversar sobre a escola. O que eles veem de negativo, sugestões para melhorar, sugestão do que trabalhar, também este é um diferencial. [...] Tudo o que a gente trazer da pesquisa, tudo que ouve, aí tem toda uma discussão, aí é tirado o tema gerador para trabalhar na sala de aula (EDUCADORA A).

A educadora continua explicando como acontece a pesquisa participante.

Ela acontece sempre no começo e no meio do ano também, o assentamento assim é grande, bastante família, então cada ano a gente prioriza um grupo no assentamento. Aí os educadores vão até as famílias para ter um contato direto, para conhecer a realidade, as dificuldades da família do assentamento, e é bem positiva, porque eles gostam, acolhem bem. O questionário e nós que preenchemos, leva o questionário, sempre a gente vai em duas, né, uma vai perguntando, a outra vai fazendo as anotações, vai perguntando eles vão respondendo. Depois eles começam a contar a história de vida, a história de luta, nossa, é muito legal. E ajuda bastante porque têm pessoas, quem é do assentamento conhece, mas quem não é do assentamento não conhece nem a localidade, aí vai ver as dificuldades, a distância, a história de cada um, e a gente traz para a formação continuada, na formação continuada. Nós temos três grupos de estudos, cada grupo estuda um autor, aí, de acordo com a pesquisa, a gente traz e debate, depois a gente tem que voltar para a sala de aula e devolver, levar esse conhecimento também para as crianças (EDUCADORA A).

Os membros da equipe da escola verbalizam, em vários momentos, o quanto consideram importante a pesquisa com as famílias, pois acreditam que, por meio desse contato com as famílias, a comunidade participe do planejamento da educação e, ainda, contribua na construção do sentimento de pertença entre todos os envolvidos.

A pesquisa participante é estruturada da seguinte forma:

- a) identificação da pessoa entrevistada,
- b) endereço da família,
- c) quadro com nome, data de nascimento, RG/CPF, escolaridade e grau de parentesco com o entrevistado,
- d) 09 questões sobre a relação da família com o MST,
- e) 08 questões sobre a relação da família com a escola.

As entrevistas com as famílias acontecem no início do ano, porém, devido à quantidade de alunos, a cada ano, é entrevistado um grupo de famílias, e ocorre um rodízio dos grupos de famílias anualmente. As professoras vão em dupla, para que uma converse e a outra registre e, assim, possam conhecer e se vincular às famílias.

Na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, do assentamento Pontal do Tigre, a pesquisa participante desponta como uma alternativa para reforçar a relação entre a escola e a comunidade, construindo (reforçando) o sentimento de pertença e contribuindo tanto na formação continuada dos educadores e trabalhadores da educação quanto nas instâncias organizativas da escola. Nesse caso, também se abrem possibilidades emancipatórias, que são potencializadas pela relação entre a escola, comunidades e os movimentos sociais (COMILO, 2013, p. 183-184).

A pesquisa participante é um meio de promoção da participação na escola, mas, na Escola Chico Mendes, há outros mecanismos de participação, que podemos discutir em outro momento devido aos limites editoriais deste texto.

A educação popular praticada na Escola Chico Mendes está pautada na realidade da comunidade e em valores pedagógicos, pois:

[...] é entendida como uma pedagogia que conceitua a educação como atividades culturais para o desenvolvimento da cultura, contribuindo para a superação das negatividades de todas e quaisquer culturas e para a afirmação e impulso de suas positivities. A pedagogia é aqui compreendida como resultado de uma reflexão diagnóstica, judicativa, teleológica e rigorosa sobre os problemas socioeducacionais de uma

determinada sociedade na perspectiva dos interesses de grupos culturais subordinados. Trata-se, portanto, de uma Teoria Geral da Educação, de uma proposta pedagógica, de uma forma de condução da pesquisa e de uma compreensão da práxis pedagógica (SOUZA, 2010, p. 124).

A Escola Municipal Camponesa Chico Mendes tem lutado para se manter no campo e realizar um trabalho de qualidade que esteja pautado nos princípios e nos valores ideológicos, políticos, econômicos e sociais do Movimento. Além disso, trabalha para formar quadros para o desenvolvimento das ações do MST que garantam que todas as famílias que ainda não estão assentadas sejam assentadas e tenham seus direitos garantidos e, ainda, para que as famílias já assentadas possam, a partir de ações coletivas, fortalecerem-se para superar os desafios e se manterem competitivas diante do mercado que é movido pelo agronegócio. Os princípios produtivos da agroecologia precisam ser atualizados e desenvolvidos com respeito à natureza e com o uso de recursos tecnológicos. Para tanto, é preciso que os trabalhadores tenham formação suficiente que lhes garanta as condições para compreender e aprimorar essas práticas. Assim, a escola é um espaço de retroalimentação do Movimento, um coletivo social capaz de promover a própria subsistência, a garantia dos seus direitos e a qualidade de vida de todos os seus membros, superando a visão ideológica e preconceituosa de que o campo é lugar de atraso.

CONCLUSÃO

A Escola Municipal Camponesa Chico Mendes é uma experiência já consolidada do ponto de vista das práticas e das propostas pedagógicas, mas que vive a tensão cotidiana da possibilidade de deslocamento do campo. Os representantes governamentais estão priorizando a escola no ambiente urbano e não no campo, e empreendem muitos esforços nesse sentido. Desse modo, somente os coletivos coesos e convictos de seu papel social é que conseguem resistir a essa tendência, como faz o coletivo da Escola Chico Mendes.

O principal resultado do trabalho foi a compreensão de que os educadores da escola têm muita identidade com o processo educativo construído e que se desenvolve na escola. Eles demonstram um sentimento de pertencimento muito forte e uma disposição em continuar a luta por seus ideais pedagógicos e políticos.

Algumas conquistas da comunidade escolar merecem destaque: a formação continuada voltada para a prática na educação camponesa, que alimenta o processo pedagógico e a mística do Movimento; a pesquisa participante, que coloca a família como parceira do processo educacional promovido na escola; a mudança do nome da escola para Escola Camponesa, que representa uma superação da visão preconceituosa que existe para com a escola rural.

A formação continuada pauta-se em teóricos que apresentam abordagens que fundamentam a prática educativa do Movimento. A implantação dessa proposta foi uma conquista, que exigiu que o grupo tivesse clareza de sua intencionalidade e coragem para negar a formação oferecida pela diretoria municipal de educação. Essa decisão necessitou de muita habilidade e argumentação para que o coletivo dos educadores conseguisse concretizar seu projeto de uma formação continuada que atendesse a suas necessidades formativas.

A pesquisa participante é outro elemento importante para a manutenção da escola, pois é por meio dela que a participação das famílias se sistematiza. Os dados coletados pelos professores viabilizam a participação das famílias na elaboração do currículo e torna a escola mais próxima das famílias, além de mostrar para as famílias que a escola se interessa por seus filhos.

Todas as conquistas mencionadas aconteceram com muita luta e tensão. Tudo que a Escola Municipal Camponesa Chico Mendes construiu ao longo de sua história, assim como o MST, está alicerçado em muita luta. Por isso, essa Escola se configura como uma referência no Movimento.

REFERÊNCIAS

- ARENHART, D. *Infância, educação e MST: quando as crianças ocupam a cena*. Chapecó: Argos, 2007.
- CALDART, R. S.; SCHWAAB, B. Nossa luta é nossa escola: a educação das crianças nos acampamentos e assentamentos. In: MST. Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001. *Caderno de Educação*. Veranópolis, n.13, 2005.
- COMILO, M. E. S. *Políticas de educação do campo no Paraná: a práxis na educação do campo no assentamento Pontal do Tigre*. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de pós-graduação em educação, Maringá.
- DAL RI, N. M. *Educação democrática e trabalho associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 2004. 315 fs. (Tese de Livre Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- D'AGOSTINI, A. A importância e a necessidade da teoria para a construção da escola do MST. In: VENDRAMINI, C. R.; MACHADO, I. F. (Org.) *Escola e movimento social: experiências em curso no campo brasileiro*. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 161-182
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GHELLERE, F. de C.; COMILO, M. E. S. Formação continuada dos educadores do campo: a partir das experiências da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes. In: VIII Seminário do Trabalho: trabalho, educação e políticas sociais no século XXI. Marília, 2012. *Anais ...* Marília, São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 2012. Disponível em: < http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt1/formacao_continuada.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2015
- INSTITUTO PARANAENSE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER). *Diagnóstico Municipal*. Querência do Norte: EMATER, Paraná 1989 a 2003.
- PISTRAK, M. *Fundamentos da escola do trabalho*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- SOUZA, J. F. de. Educação Popular enquanto uma Pedagogia, Movimentos Sociais Populares lócus educativo. In: JEZINE, E.; ALMEIDA, M. de L. P. *Educação e movimentos sociais: novos olhares*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2010. p. 123-153
- SYNDRES, G. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.